

## **“A REPRESENTATIVIDADE E A SIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DA CRIANÇA NA ESCOLA E O PAPEL DO EDUCADOR”**

Celina de Oliveira Barbosa Gomes

**Introdução:** Segundo algumas abordagens sobre o desenvolvimento humano, como as Teorias da Aprendizagem e as Teorias Cognitivistas, o indivíduo pode sofrer forte influência do ambiente em que está inserido, reagindo a ele por meio da observação, reconhecimento e processamento de símbolos, de comportamentos e imitação (PAPALIA e FELDMAN, 2013). Ao pensar nisso e nas etapas do desenvolvimento infantil, acredita-se que a criança, em seu processo de escolarização, é capaz de apropriar-se dos mais variados conceitos acerca de si mesma, do mundo que a rodeia e das relações que estabelece com ele, o que ajudará na definição de sua identidade. Porém, quando os estímulos ambientais, discursivos e simbólicos não colaboram para o seu autorreconhecimento efetivo, para a sua autopercepção étnica, precisamente – ou concorrem para o rechaço dela, isso pode configurar um problema futuro para a sua consciência cultural. Muito embora mecanismos como as Diretrizes Curriculares Nacionais e as Leis 10.639/03 e 11.645/08 proponham a consideração da abordagem dos aspectos étnicos do estudante no processo de ensino e de aprendizagem, é sabido que muitos educadores e as próprias escolas não o fazem efetivamente, especialmente, no Ensino Fundamental. Aliás, o próprio “ser criança”, de modo pleno, para muitos estudantes pretos, pardos e indígenas, pode ser um desafio, haja vista as mazelas sociais e econômicas suscitadas pelo passado colonial e pelo racismo estrutural. Diante disso, iniciativas pedagógicas que permitam que a criança conheça, conceba e viva [positivamente] a sua identidade étnico-racial – preparando-se e fortalecendo-se, inclusive, para as situações tensivas que, eventualmente, poderá enfrentar em relação a ela – são necessárias. Para isso, os educadores – pretos, pardos, indígenas, brancos, amarelos – precisam entender a relevância da educação para as relações étnico-raciais, considerando-as no âmbito de seus planos de ensino e, sobretudo, de sua atuação.

Busca-se, então, problematizar as lacunas existentes no processo de instrução formal da criança no que se refere à sua formação étnico-racial e refletir sobre possibilidades de fomento de sua identidade cultural com base no aperfeiçoamento docente/ escolar sobre o assunto. Para tanto, serão discutidos os aspectos do processo de desenvolvimento infantil e o desafio de ser criança preta, parda e indígena no Brasil – com base em obras como *Solitária*, de Eliana Alvez Cruz, *A infância na aldeia*, de Márcia Kambemba, e *O cabelo de Lelé*, de Valéria Belém –; bem como a necessidade de formação docente referenciada pela diversidade.

**Metodologia:** a metodologia selecionada para a investigação é a qualitativa, de cunho bibliográfico, focando-se, sobretudo, na análise de corpus literário à luz de teorias sobre as etnicidades no Brasil.

### **Resultados e Discussão:**

Espera-se, com a discussão proposta, que a formação continuada docente passe a considerar efetivamente os diferentes sujeitos de ensino, atravessados

por questões de gênero, faixa etária, território e etnia, sobretudo. Em outras palavras, espera-se colaborar com a educação para as relações étnico-raciais e para a inclusão de alunos/as negros e indígenas de forma autônoma em espaços escolares.

**Referência:**

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.